

II SIS VOGAIS

Belo Horizonte, 21-21 de maio de 2009

AS VOGAIS NASAIS NO SÉCULO XVI: DESCRIÇÃO E GRAFIA

Célia Marques Telles

UFBA/CNPq

Resumo

Os gramáticos quinhentistas oferecem descrições articulatórias precisas e os ortografistas descrevem tanto os grafemas como os seus usos. Desse modo, Fernão de Oliveira, João de Barros, Pero de Magalhães de Gândavo e Duarte Nunes do Leão, descrevem as vogais nasais do português, podendo a análise fazer-se desde a perspectiva da funcionalidade de Fernão de Oliveira à prescrição ortográfica de Duarte Nunes do Leão. Fernão de Oliveira assinala claramente a oposição entre vogais orais e nasais quando afirma que o “til nas vogaes quando tambe) mudão sua voz”, exemplificando “não he a mesma voz vila e vilã: mas o til ã lhe posemos muda a calidade do .a. d’claravoz em escura e meteo mais pelos narizes”. João de Barros, ao tratar do til, explica ser este “sofrimento ou abreviatura de quátro lêteras”, entre as quais <m> e <n>. Duarte Nunes do Leão assinala a pronúncia diversa do <a> escrito junto ao <m> ou ao <n> explicando que se pronuncia “com menos hiato & abertura da bocca, & fica parecendo pequeno, não sendo assi”. A análise grafemático fonética centra-se em textos não literários de finais do século XV e do século XVI, nos quais se pode observar a grafia das vogais nasais. Dessa análise chega-se à verificação de que os manuscritos documentam que as vogais nasais podem vir grafadas de quatro maneiras: vogal com o til sobreposto <V>, vogal seguida de <m> ou de <n>, <y> seguido de <m> ou de <n>, vogal com o til sobreposto seguida de <Vm> ou de <Vn>. Após mostrar-se a descrição das vogais nasais nas gramáticas quinhentistas, faz-se, então, uma análise grafemático fonética dos textos para verificar a incidência de uma ou de outra representação gráfica das nasais na língua portuguesa do período arcaico. Mostra-se que o resultado de textos datados de fins do século XV e da primeira metade do século XVI não é muito diferenciado.

A teoria gramatical quinhentista

- Os gramáticos portugueses quinhentistas são os primeiros sistematizadores da língua portuguesa.
- Maria Leonor Carvalhão Buescu lembra que se eles fornecem uma visão sincrônica dos fatos de língua, essa se assume como visão diacrônica do fenômeno da linguagem. Desse modo, configura-se como uma abertura singular em direção a uma gramática histórica, ainda não tomada como área de reflexão, mas limitada a uma verificação imposta pela própria evidência.
- Ainda para Maria Leonor Carvalhão Buescu, os doutrinadores, ao descreverem a norma de um ponto de vista sincrônico, não perdiam de vista a dinâmica da evolução lingüística.
- Ressalta, ainda, que a norma, embora sujeita ao tempo, emerge como resultante de uma dinâmica de forças contraditórias mas em equilíbrio, ultrapassando a oscilação e a fragmentaridade, mas perdendo a sinergia que durante séculos se manifestara como indomável força criadora (Buescu, 1984, p. 184).

A teoria gramatical quinhentista

É sugestivo que Olmar Guterres da Silveira, editor da *Gramática* de Fernão de Oliveira, na edição utilizada por Eugenio Coseriu, teça considerações sobre a importância das descrições fonéticas em Fernão de Oliveira (SILVEIRA, 1954, p. 23).

A teoria gramatical quinhentista

A fortuna crítica dos gramáticos portugueses é referida na terceira parte do primeiro capítulo da *Geschichte der romanischen Sprachwissenschaft*, intitulada *Die Periodengliederung in der Geschichte der romanischen Sprachwissenschaft*, sendo citados por E. Coseriu e R. Meisterfeld, no segundo período (de 1492 a 1601), apenas o trabalho de Fernão de Oliveira.

Enquanto o de Duarte Nunes do Leão vem incluído no terceiro período (de 1601 a 1818), ligado à preocupação com a história das línguas românicas.

A teoria gramatical quinhentista

- Em Fernão de Oliveira, *letra* se acha empregada não no sentido do alemão *Buchstaben* (port. ‘letra’), mas englobando tanto o sentido de ‘figura’, ‘sinal’, como o de ‘pronúncia’, ‘força’, ‘virtude’ (Coseriu, 1975, p. 71, n. 17).

A teoria gramatical quinhentista

Fernão de Oliveira ao descrever os grafemas, assinalando-lhes os traços pertinentes, descreve o *til*, junto ao qual vai a descrição da “realização das vogais nasais”.

“O *til* he hũa linha derecha, lãçada sobre as outras letras sua força e tão brãda ã a não sentimos se não mesturada cõ outras: e por tâto não tẽ nome apropriado mais de ãnto lhe o costume quis dar. e eu digo ã e neçessareo todas as vezes ã despoys de vogal em hua mesma syllaba escreuemos .m. ou .n. e muito mais sobre os ditõgos” (OLIVEIRA, 1933 [1536], p. 36-37).

A teoria gramatical quinhentista

“[...] q̃remos a q̃ repetir q̃nto e neçessaria esta letra ou sinal til pera os ditõgos por q̃ se em çidãdão e escriuãõ e outros desta voz e outras escreuemos .m. ou .n. no meyo / vira vilamo ou vilano: e se no cabo fica sobre a letra o somẽte q̃ e a derradeira: e se fosse .m. morderia a voz e apertalia antros beyços: e o .n. não e nosso por q̃ a nossa liguã e mui chea e .n. corta muito: somos cõtrairos a esta letre [sic] .n como diz quintiliano dos latinos: e e propria aos castelhanos como elle diz dos gregos. E nos a q̃ vemos e sentimos co as orelhas q̃ soa ali hũ til sobre ambas as letras vogaes do ditongo: como escriuãõ escriuães: o qual co a boca e beyços muy soltos tambẽ soa na mesma forma em todas as syllabas em cujos cabos nos escreuemos .m. ou . n. errando cõ o costume: por q̃ as letras mudas de cujo numero sãõ .m. e .n. antre nos nũca dãõ fim a diçãõ alghũã nẽ syllaba: e isto a esperiẽcia e propriadade das nossas vozes no lo ensinãõ: e por tanto não escreueremos ensinar com .n. na primeira syllaba nem embargar cõ .m. a imitaçãõ dos latinos poys nos taes lugares antre nos não sentimos essas letras: mas nessas e outras muitas partes escreuemos til”. (OLIVEIRA, 2000 [1536], p. [26]-[27]).

A teoria gramatical quinhentista

Em 1539, João de Barros, afirma apenas ser o til abreviatura de quatro letras, entre as quais *m* e *n* (BARROS, 1971 [1539]), p.386-387)

A teoria gramatical quinhentista

Ao final do século XVI, Duarte Nunes do Leão (1983 [1576]) informa:

“Til não he letra, mas hũa linha & abbreviatura, que se poem sobre as dições, com que suprimos muitas letras. D’onde veo a chamar-se til, que quer dizer titulo.

[...] Mas o mais frequente vso desta abbreviatura, he servir de *.m. n.*
[...] Mas acerca de nós, ha hũa peculiar, & propria pronunciação, & estranha das outras nações, onde o *.m.* vem entre duas vogaes, pronunciamolo de maneira, que fica com a vogal precedente, & não com a seguinte. A qual pronunciação de *m* não he perfecta, nem inteira. Polo que não sem razão, o chamaremos liquido, porque fica mais apagado, & froxo, que quando vai com a vogal seguinte, como se vee nestas palavras, *Alemam-o, Capitam-o*. Onde assim soa o *.m.* como se ficasse com o *.a.* precedente, sem ferir no *.o.* que se segue.

A teoria gramatical quinhentista

E por assi ser liquido este *.m.* & não ferir a vogal seguinte, & ainda soar pouco, dá lugar, que as duas vogaeas, em que elle interuem se ajuntem sempre em diphtongo, fazendo hũa soo syllaba, ainda que as vogaes ambas sejam de hum genero. Pelo que para denotarmos esta differença, de quando vai com a vogal precedente, & he assi froxo, o screuemos necessariamente per a dicta abbreviatura, por não termos outra letra, com que a representemos. E assi dizemos, *Alemão, Capitão, falcões, belegũjs*. E a causa d'esta procunção he, por a propriedade da nossa lingua Portuguesa que sempre põem *.m.* no fim das dicções, onde os Castelhanos põem *.n.* [...]” (LEÃO, 1983 [1576], p. 134).

A teoria gramatical quinhentista

Elizabeth Reis Teixeira (2001) em artigo sobre a descrição e a classificação dos sons no português na *Grammatica de Lingoagem* de Fernão de Oliveira resume a descrição dada pelo gramático quinhentista:

“Oliveira afirma que o .m., quando encontrado no final de sílaba (quer seja em posição absoluta, quer seja internamente à palavra), tem um som fraco, que não se assemelha nem ao do .m. nem do .n. iniciais.[...]

Sua posição contrária ao uso do símbolo .m. nesta posição final justifica-se pela observação de que, neste caso, o .m. soa exatamente como um ditongo do tipo ão, ães, ões, ãos. Ele argumenta que, por não se poder inserir um .m. no meio desses ditongos para indicar nasalização, a notação mais apropriada e generalizante para dar conta dos dois casos (.m. final fraco e ditongos nasalizã) é o til. [...]” (TEIXEIRA, 2001, p. 64-65).

A teoria gramatical quinhentista

Após citar trecho de Fernão de Oliveira (2000 [1536], p. [26]-[27]) acima já referido, Elizabeth Teixeira (2001) conclui, remetendo para Peter Ladefoged:

“A partir desse posicionamento do autor, pode-se inferir duas conclusões. Primeiramente Oliveira parecia estar consciente de que, na verdade, nem a consoante nasal labial nem a dentoalveolar ocorrem na margem final da sílaba. Em segundo lugar, ele parece perceber a diferença entre nasalidade e nasalização, i. e., consegue distinguir a ditongação nasalizada que ocorre em final absoluto de sílaba assim como as articulações consonantais nasais na margem inicial da sílaba. Contudo, o autor parece não achar necessário fazer a distinção entre a *nasalização acompanhada de ditongação*, que ocorre em posição final absoluta, da *simples nasalização* vocálica que ocorre em posição final de sílaba dentro da palavra. De qualquer modo, ao contrastar vogais nasalizadas e suas orais correspondentes, faz uma descrição bastante adequada (e, foneticamente, atual) da nasalização – no sentido de uma articulação secundária, em que o rebaixamento do véu palatino permite que o ar pulmônico, além de escapar pela boca, dirija-se à cavidade nasal e escape pelo nariz, durante a produção das vogais ou seqüências vocálicas nasalizadas” (TEIXEIRA, 2001, p. 65).

As vogais nasais

O primeiro registro da existência de vogais nasais no português, se não for mesmo nas línguas românicas, como assinala Eugenio Coseriu (Coseriu, 1975, p. 73), aparece na *Gramática da linguagem portuguesa* de Fernão de Oliveira:

“...assim como fazemos de til nas vogais, quando também mudam sua voz. Digo que mudam a voz porque não é a mesma voz *vila* e *vilã*, mas o til que lhe pusemos muda a qualidade do *a*, de clara voz em escura, e meteu mais pelos narizes. Outro tanto nas vogais, como *e* e *ẽ*, *i* e *ĩ*, *o* e *õ*, *u* e *ũ*, onde o til faz alguma coisa e tem poder algum, o qual sentem as orelhas, mas a boca o acha tão subtil, tomando-o por si só, que o não sabe formar, nem lhe dá nome natural, como diz Marciano Capella, que as outras letras têm, convem a saber, nome, conforme a sua natureza e pronúnciação.” (OLIVEIRA, 1536, p. [60]-[61])

As vogais nasais

A esse propósito acrescenta Eugenio Coseriu ser também o primeiro registro nas línguas românicas, se não o primeiro de modo geral:

“[...] É importante assinalar que esta caracterização da vogal nasal como som vocálico simples representa uma notável contribuição de Oliveira, *pois é a primeira vez que as vogais nasais são consideradas dessa forma na România (e talvez seja a primeira vez em geral).*” (COSERIU, 1991, p. 23-4).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema das vogais nasais acha-se definido, característica confirmada por Fernão de Oliveira, registrando-se apenas uma variação na sua grafia. Em finais do século XV, nota-se uma utilização mais significativa da grafia \tilde{v} ; na primeira metade do século XVI, a de $V + \langle m \rangle$; ao final do século XVI, a preferência recai em $V + \langle n \rangle$.